

ATO PSICODRAMÁTICO E PROMOÇÃO DE SAÚDE EM INSTITUIÇÕES DE ENSINO - RELATO DE EXPERIÊNCIA DO ESTÁGIO EM PSICOLOGIA

Sanches Max Jesus Viana, Rebecca Ferraz de Mendonça Monteiro

Graduando em Psicologia pela FASETE - Paulo Afonso-BA, Brasil.

Graduada em Psicologia pela UNIVASF - Petrolina-PE; Pós-graduada em Psicologia das Organizações e Trabalho pela Faculdade Alfamérica e Psicóloga Escolar no IFBA- Campus Paulo Afonso-BA, Brasil.

sanchesmax.sm@gmail.com

Resumo: Este estudo tem como objetivo relatar a experiência vivenciada durante uma intervenção grupal desenvolvida durante o estágio de núcleo básico I no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia em Paulo Afonso –BA. A intervenção foi realizada com alunos dos 1ºs anos dos cursos técnicos de nível médio de Biocombustíveis e Eletromecânica do formato integrado e servidores da instituição. A partir desse relato é pretendido refletir mediante observação sobre a prática da Psicologia no Contexto Escolar. Tal reflexão parte de uma revisão teórica importante, revisitando a história da psicologia escolar no Brasil, a prática dessa psicologia como política garantida nos Institutos Federais, se utilizando nessa observação da Psicologia Fenomenológica como escola teórica e da técnica do Psicodrama de Moreno como recursos ao se ocupar desses sujeitos no ambiente escolar, para discutir e pensar uma prática que envolva as relações no aqui e agora, proporcionando vivências promotoras de saúde e autonomia. É possível observar que a prática psicológica nesse contexto, algumas vezes, acaba sendo frustrada e/ou afetada pela burocracia e inviabilidades nas aplicações das políticas, mas em contrapartida, também oportuniza ao profissional o desenvolvimento de criatividade e o seu próprio reinventar no desenvolvimento de novas habilidades. Conclui-se que, a articulação desse aparato teórico com a experiência interventiva construída em estágio no IFBA, a modalidade do Ato Psicodramático mostra-se eficaz no processo de ressignificação e promoção de saúde no âmbito escolar, enriquecendo o percurso acadêmico, viabilizando novas perspectivas de atuação, ao mesmo tempo que prepara o futuro profissional psicólogo para uma prática profissional mais consistente, ampla e segura.

Palavras-chaves: Psicodrama. Ato Psicodramático. Psicologia Escolar. Psicologia nos IF's. Psicologia e políticas públicas.

PSYCHODRAMATIC ACTS AND HEALTH PROMOTION IN EDUCATIONAL INSTITUTIONS – AN EXPERIENCE REPORT DURING PSYCHOLOGY TRAINEESHIP

Abstract: This paper aims to talk about an experience lived during a group intervention developed throughout a traineeship that took place at the *Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia* in Paulo Afonso-BA (IFBA). The intervention was conducted with some students of 1st grade groups from the Biofuels and Electromechanics courses, and with some employees of the institution. Through this testimony, this paper reflects on the use of Psychology in the school context. Such reflection is based on an important theoretical revision, which revisits the history of school psychology in Brazil and the use of psychology as an assured policy in Federal Institutes. This observation was guided by the theories of Phenomenological Psychology and by Moreno's Psychodrama technique, in order to analyze individuals in the school context and deliberate about a practice that involves immediate relationships, capable of providing experiences that promote health and autonomy. It was possible to verify that the Psychology practice in this context may sometimes end up frustrated and/or affected by bureaucracy and interferences in the enforcement of policies, however, on the other hand, it can also enable the development of creativity by the professional, which leads to a reinvention of their own abilities. It is concluded that the articulation of this theoretical foundation with the interventionist experience developed during the traineeship in IFBA through Psychodramatic acts result in an efficient process of ressignification and promotion of health in the school environment, which enriches the academic process and highlights new action perspectives. At the same time, it prepares the Psychologist to be to a more consistent, wider and safer performance.

Keywords: Psychodrama. Psychodramatic acts. School Psychology. Psychology in the Ifs. Psychology and public policies.

1. Introdução

É compreendido hoje o quanto somos impactados pelos contextos que nos cercam, e a escola é um desses espaços. É notório como o ambiente escolar pode ser um fator de proteção, promotor de saúde e propiciador de boas relações, ao mesmo tempo em que também pode se tornar um ambiente de riscos, adoecimento e conflitos relacionais.

A Psicologia escolar vem sendo desenvolvida e construída ao longo de algumas décadas, e vem delineando no Brasil e na América Latina características bem particulares.

De acordo com Lessa e Facci (2009) a psicologia está inserida no contexto escolar cada vez mais de maneira atuante e efetiva, sendo importante ressaltar que a psicologia neste contexto, da maneira que temos contato hoje, ainda que de forma tímida no Brasil, sofreu mudanças estruturantes sobre a sua prática, passando de um olhar mais categorizante, higienista e individualista para um olhar mais integral, promotor de autonomia e protagonismo, e que leva em conta os contextos que se circundam: escola, comunidade, família e aluno.

O Campus do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia em Paulo Afonso teve sua autorização de funcionamento através da Portaria Nº 105, de 29 de janeiro de 2010, publicada no DOU de 01/02/2010, segundo o Portal do IFBA (2018), o campus funciona nas antigas instalações do COLEPA, importante e histórica instituição de ensino da cidade de Paulo Afonso.

De acordo com o Portal do IFBA (2018) o campus viabiliza os cursos técnicos de Biocombustíveis, Eletromecânica e Informática, nas formas Integrada e Subsequente. Além disso, na graduação, é ofertado o curso de Engenharia Elétrica, já reconhecido pelo MEC, assim, todos os cursos foram escolhidos através de audiências públicas.

O quadro de servidores conta com Docentes (especialistas, mestres e doutores), que atuam no ensino, pesquisa e extensão, além de técnicos administrativos em educação (TAEs) de diversos cargos, entre eles, uma equipe multidisciplinar composta por: Pedagogas, Intérprete de libras, Assistente Social, Psicóloga, Técnica em Enfermagem, Enfermeiro e Médico, que trabalham inclusive de maneira interdisciplinar, conforme o Portal do IFBA (2018).

Observa-se no campus do IFBA em Paulo Afonso que os Adolescentes são o maior público que se utilizam do serviço de psicologia da instituição, devido à procura espontânea dos próprios alunos. Amaral (2007) vai compreender a adolescência como uma construção social que tem repercussões na subjetividade do sujeito, e não como um período natural do desenvolvimento.

Desse modo, a proposta desse estudo é partir de um delinear do contexto histórico da Psicologia Escolar no Brasil e a prática dessa psicologia no IFBA, com ênfase no público adolescente a partir do olhar específico do Psicodrama, numa modalidade mais pontual que é o Ato psicodramático, trazendo a experiência desse estágio articulada com esse arcabouço teórico, vislumbrando não só um olhar, mas um fazer psicológico possível.

2. Revisão teórica

2.1 A Psicologia escolar no Brasil

Segundo Lessa e Facci (2009) a Psicologia Escolar surge por volta da década de 1940, tornando-se uma prática profissional na qual a função do psicólogo escolar seria resolver problemas escolares, ficando reduzida às questões escolares direcionadas ao aluno sem ter um aprofundamento e nem comprometimento com as questões fundamentais da Educação e, diante desse fato, existe a necessidade de efetivar um processo de democratização educacional.

Patto²³ (1999) apud Lessa e Facci (2009) alerta sobre a perigosa tendência de tornar natural àquilo que é historicamente construído, por exemplo, o fracasso escolar, onde este seria uma produção social no qual o psicólogo que busca enquadrar a criança com o problema numa categoria, reforça a ideia de que a criança seria a culpada pelo fracasso.

Fernandes *et al* (2015) explana que essa crença vem do pressuposto de que o indivíduo é o único responsável pelo seu sucesso ou fracasso, ou seja, de que existe igualdade de oportunidades e cada um aproveita e desenvolve melhor que os outros de acordo com sua capacidade.

Lima (2009) aponta para uma Psicologia escolar crítica que vai olhar para os conflitos que a sociedade enfrenta e que refletem na escola com o Psicólogo inserido nesse contexto para a transformação, reflexão e promoção de mudanças na escola e no seu entorno no fazer de um trabalho multidisciplinar amplo, integralizado e em rede, e não num modelo clínico e psicoterápico.

O fazer psicológico escolar no Brasil atual em comparação com o fazer de Portugal, como aponta Petroni e Souza (2017) em seu estudo, está bem mais avançado no quesito de efetividade e atuação multi e interdisciplinar, enquanto que em Portugal, apesar de se terem leis que garantam a presença do psicólogo em escolas, tem uma atuação mais individualista, e já no Brasil temos uma psicologia escolar que promove aos sujeitos atores, possibilidades de autonomia, conscientização e pensamento crítico.

²³ PATTO, Maria Helena Souza. A produção do fracasso escolar: histórias de submissão e rebeldia. São Paulo: Casa do Psicólogo. 1999.

2.2 A Psicologia nos Institutos Federais do Brasil

Os Institutos Federais possuem em sua política a inserção do profissional psicólogo como algo constituinte de sua estrutura, o qual, segundo Viana e Francischini (2016) cabe a esse profissional contribuir para o fortalecimento de espaços formativos e participar do desenvolvimento consciente e competente da comunidade acadêmica.

De acordo com o Regimento interno do IFBA-Campus Paulo Afonso (2017) que em seu artigo 50, garante o profissional psicólogo como componente do Núcleo de Competência Multidisciplinar.

A respeito das atribuições e competências do Psicólogo no IFBA-Paulo Afonso (2017) o artigo Art. 58 detalha:

- I - desenvolver ações que busquem garantir o bem estar biopsicossocial dos estudantes e a preservação da saúde mental, através de ações de natureza preventiva e interventiva [...]
- III - orientar e encaminhar estudantes e suas famílias para a rede socioassistencial e serviços especializados, quando necessário, monitorando os processos; [...]
- VI - participar, em cooperação com os demais membros do Núcleo de Competência Multidisciplinar, de palestras e atividades de caráter socioeducativo e que visem a melhoria do processo de ensino-aprendizagem;
- [...] VIII - participar do acolhimento dos alunos realizando a escuta qualificada e proporcionar atendimento humanizado; [...] (IFBA PAULO AFONSO, 2017)

A Política de Assistência Estudantil do IFBA (2016) se constitui num arcabouço de princípios e diretrizes que orientam a elaboração e implementação de ações que garantam o acesso, a permanência e a conclusão de curso dos estudantes do IFBA, visando à inclusão social, formação plena, produção de conhecimento, melhoria do desempenho acadêmico e bem estar biopsicossocial.

No contexto do IFBA - Campus Paulo Afonso, ao perceber as demandas psicoterápicas e psiquiátricas de alguns alunos, e a situação econômica dos mesmos e de suas famílias, além desses serviços de acompanhamento psicológico individual não serem ofertados pela Rede SUS no município, a psicóloga da instituição pensou numa maneira de encaminhar esses alunos para profissionais psicólogos do município, com valores menores, através de um processo licitatório, no qual esses recursos são repassados da Assistência estudantil, compreendendo também que tais demandas mais individuais não teriam uma intervenção efetiva no contexto escolar.

De acordo com a própria política do IFBA (2016) os profissionais de psicologia possuem autonomia para criar propostas de trabalho que não estejam previstas expressamente na Política, mas que não contrariem suas diretrizes e visem o desenvolvimento e à formação dos estudantes.

A partir da Tese de Bertollo-Nardi (2014) sobre o psicólogo num Instituto Federal do Espírito Santo, é possível constatar a expectativas dos adolescentes em relação ao trabalho desse profissional como: “aquele que iria resolver os problemas mais terríveis, de diferentes ordens, capaz de mudar, melhorar, dar soluções, ajudá-los a resolver conflitos, melhorar o rendimento escolar, controlar a tensão emocional dos estudantes, tornar saudável a convivência escolar, descarregar tudo de ruim que se tem guardado para aliviar o corpo dessas tensões e para que o profissional possa indicar maneiras de contornar problemas”.

Segundo Lima (2005) espera-se que o psicólogo escolar promova ações coletivas com a equipe multidisciplinar (pedagogos, assistentes sociais e outros técnicos) para envolver os estudantes e os pais/responsáveis do discente no cotidiano dos IF's.

Acerca da psicologia no espaço escolar do Instituto Federal, é importante ressaltar a relevância de:

Construir espaços de participação criativa para os estudantes no ambiente escolar é, portanto, uma forma de promover saúde e garantir esse direito fundamental. Essa participação criativa implica criar espaços intersubjetivos e culturais, nos quais os estudantes possam compartilhar experiências e a vivência de cuidar e de serem cuidados. Implica também proporcionar contatos e encontros com objetos que nos ligam pessoalmente a um mundo compartilhado. (BERTOLLO-NARDI, 2014, p. 66)

Assim, esse fazer psicológico deve promover intervenção na construção de espaços democráticos de comunicação, concebidos para a promoção de debates acerca das rotinas escolares, das dificuldades acadêmicas e das expectativas da comunidade na formação entre as representações estudantis, docentes ou coordenadores de curso, como destaca Viana e Francischini (2016).

2.3 Fenomenologia e Psicodrama – Um olhar psicológico no contexto escolar

Segundo Parreira (2016) Martin Buber em sua teoria trata das palavras-princípio Eu-Tu e Eu-isso como sendo dois dos momentos de vivência relacional do homem no mundo, no qual o primeiro é onde se dá o diálogo, onde o homem se coloca como ser relacional, e o segundo momento é onde se dá o monólogo, com o homem se colocando frente a sua relação com as coisas, ambos os momentos evidenciando a diversidade de encontros que se abrem no mundo.

Conforme Ramalho (2010) as terapias vivenciais de base fenomenológico-existencial têm como objetivo fazer com que o indivíduo possa resgatar a liberdade de poder utilizar suas próprias capacidades para existir, para reaprender a

utilizar a sua liberdade de forma responsável, para ser o que ele é, objetivando também promover uma relação terapêutica que privilegia o encontro existencial eu - tu, que recria e permite o encontro na vida e em outras relações sociais.

O fator tele, conceituado por Moreno dentro da teoria do Psicodrama refere-se basicamente a capacidade de distinguir objetos e pessoas sem distorcer seus papéis essenciais, superando a repetição, as conservas culturais e produzindo encontros, conforme Ramalho (2010).

Para Nunes (2017) as relações télicas são relações do aqui e agora, movidas pela espontaneidade, pois a tele pode ser considerada uma forma de percepção interna mútua e verdadeira entre os indivíduos, sendo ela que promove relações de encontro, configurando-se como empatia em dupla via, ou seja, em reciprocidade.

Segundo Castro e Almeida (2016) é necessário levar em consideração o que significa ser adolescente neste contexto histórico, não insistindo na concepção do adolescente enquanto sujeito em crise, pois assim ele estará fadado a permanecer nesse lugar, ou melhor, em um lugar de “ajustes”, “tormentas” e dificuldades.

Castro e Almeida (2016) destacam que o Psicodrama busca auxiliar o adolescente a enfrentar todas as mudanças que surgem, ancorando suas ações e reflexões em um confronto entre o ideal e o real, fortalecendo sua autoimagem e identidade de forma que possa afirmar as decisões que ela virá a tomar como resultado de uma escolha pessoal e não como continuidade dos desejos e projetos de terceiros.

A respeito das particularidades das intervenções proporcionadas pelo Psicodrama com adolescentes de forma coletiva, Martins e Luz²⁴ (2012) apud Gonçalves e Gomes (2013) ressaltam que:

[...] Na adolescência a circunstância de estar em grupo representa um papel importante no desenvolvimento psicológico e social, fundamental à formação da identidade e ao desempenho de papéis. O grupo adquire uma função, além de reflexiva, pedagógica. A chance de colocar-se no lugar do outro permite ao adolescente perceber o outro na relação, aceitá-lo e ter a chance de imitá-lo, para mais tarde constituir a própria identidade. Além disso, a inversão de papéis ajuda o adolescente a desenvolver suas potencialidades e criar a “possibilidade de uma relação de reciprocidade e mutualidade” (MARTINS; LUZ, 2012 apud GONÇALVES e GOMES, 2013, p 50).

De acordo com Alves e Vieira (2013) o potencial do Psicodrama como uma intervenção transformadora, tem sido amplamente utilizado na área educacional por facilitar questões ligadas à complexidade das interações sociais e aos desafios para uma atuação educativa e formadora.

Para Nery (2012) tanto no psicodrama como no sociodrama, ambas teorias criadas por Moreno, o diretor segue as etapas: Aquecimento, dramatização e compartilhar, visando facilitar a interação e a ação das pessoas na busca por solucionar suas problemáticas e ampliar a ótica sobre suas experiências. Gonçalves e Gomes (2013) enfatizam que, o momento do compartilhar, etapa final e importante do método psicodramático, com suporte em reflexões emergidas no grupo, existe a possibilidade de ressignificação de questões tanto coletivas quanto pessoais.

2.4 Ato Psicodramático- O palco, conflitos e a ressignificação na escola

Diante da emergência da vida, demandas profissionais e celeridade da geração atual, a partir de leituras focadas e intensas, foi percebido que o Ato psicodramático pode ser utilizado como uma alternativa eficiente nas instituições visando a coletividade.

Segundo Iunes & Conceição (2018) os atos acontecem em um único encontro, e muitas vezes são temáticos ou atendem a uma população específica, como grupo de pessoas com diabetes ou grupo de mulheres, e diferentemente dos processos terapêuticos, o ato é realizado com foco na demanda presente, com intuito de provocar envolvimento e apresentar uma conclusão no mesmo dia. Rodrigues (2007) vai pontuar que o ato se constitui numa intervenção única, com objetivo que dura enquanto os membros estiverem reunidos, possuindo começo, meio e fim.

Para Moreno (1975) a conserva cultural é o resultado da espontaneidade congelada no tempo causando um bloqueio, em suma a espontaneidade e a criatividade são essenciais para o equilíbrio e gestão das relações. Pensando em intervenções que se utilizam do método psicodramático, Toloi e Souza (2015) ressaltam que mudanças sociais se dão por meio do potencial espontâneo do grupo, do superar ou abandonar valores, do experimentar valores que levam à realização, sendo no encontro que nos reconhecemos e reconhecemos o outro.

A respeito da estrutura do ato psicodramático, Iunes e Conceição (2018) descrevem:

Inicia-se com uma conversa sobre como será realizado o encontro, sua brevidade, os cuidados necessários entre os participantes e a possibilidade de apoio após o encontro. Os participantes então iniciam um aquecimento que os direciona para o tema em questão, ou que busque um tema protagônico para ser trabalhado. A sessão segue com um aprofundamento da demanda trazida, seja a demanda de um participante, seja a construção grupal de uma personagem coletiva. No final, os participantes compartilham como se sentiram e como aquela prática se relaciona com suas vidas. (IUNES e CONCEIÇÃO, 2018).

²⁴ MARTINS, Ana da Fonseca; LUZ, Iza Rodrigues da. Um diálogo sobre a construção da capacidade simbólica do ser humano a partir das teorias de Moreno e Winnicott. Revista Brasileira de Psicodrama, v. 20, n. 1, p. 135-154, 2012.

De acordo com o quadro de referências sobre Psicodrama elaborado por Rodrigues (2007) e o aprofundamento teórico dos estudos de Ramalho (2010) a partir da teoria de Moreno (1975), essas são algumas das principais técnicas psicodramáticas de Moreno: Inversão de papéis, técnica do espelho, solilóquio, maximização, mudanças no curso da história, duplo, Representação simbólica, entre outros.

Segundo Paul e Ommeren (2013) é importante compreender que um ato psicodramático pode ser suficiente para trabalhar questões das pessoas, levando em conta que outras possam necessitar de um tratamento mais prolongado, por não existir um modelo único para a realização do ato psicodramático, considerando que o tempo presente da pessoa é o que se vê em comum nos diferentes modelos de aplicação.

3. Metodologia

Trata-se de um estudo descritivo de foco qualitativo, como relato de experiência. O relato descreve a observação de uma vivência grupal experienciada com 06 alunos com idades entre 15 e 18 anos e 04 servidores adultos com idades entre 28 e 40 anos. Os alunos e servidores fazem parte do IFBA na cidade de Paulo Afonso – BA. A vivência foi aplicada segundo um roteiro previamente elaborado por nós (estagiário e psicóloga preceptora do estágio) dentro do período de estágio básico I, a qual nomeamos de: '*Encontros na Escola*'. Os alunos dos 1^{os} anos do curso de Eletromecânica e Biocomunsteveis foram convidados dias antes para participar livremente da vivência, a partir da pouca adesão dos alunos, os servidores optaram em participar, configurando-se como um elemento surpresa.

É importante pontuar que a vivência elaborada foi construída e adaptada de uma dinâmica de grupo criada para uma avaliação na disciplina Processos Grupais, nos conhecimentos adquiridos no curso de extensão de introdução ao Psicodrama, bem como das leituras de estudos e artigos de foco psicodramático. O projeto é baseado na teoria de Moreno, especificamente se configurando como um ato psicodramático por se tratar de uma intervenção única e pontual, bem como por trabalhar questões e aspectos da coletividade.

O objetivo específico da intervenção era trabalhar questões como: tolerância, empatia e respeito, além de facilitar o desenvolvimento de encontros autênticos. A vivência é constituída por 03 momentos: *Aquecimento*, onde com dinâmicas trabalhamos a desinibição e eliminação de tensões, bem como a abertura dos participantes para a experiência e criatividade; *Dramatização*, momento em que os participantes mergulham na possibilidade de se identificarem em grupos e encenam situações vividas para serem ressignificadas; e o *Compartilhar*, última etapa onde cada um traz para o grupo suas percepções, mudanças e atualizações sobre a vivência.

Foram utilizados alguns recursos como: músicas pré-selecionadas, músicas de estilo pop nacional e internacional que fossem coerentes com os momentos da vivência, causando uma ambiente eficiente em todas as etapas; o baralho puxa-conversa: *Papo Teen* elaborado por Tadeu (2019) pela editora Matrix, para facilitar a abertura de falar sobre si, questionar o outro e ser ouvido no aquecimento mais específico que antecedeu a etapa de dramatização; e as cartas com imagens abstratas do *Jogo Dixit- Odyssey* (2019) da editora Galápagos Jogos, por se tratar de imagens ambíguas e imprecisas, foram usadas para reflexão e identificação dos participantes com os sentidos e significados que as mesmas causavam em cada um, para que subgrupos se formassem e histórias fossem relatadas nos subgrupos a partir do contato com as cartas visando a escolha de uma história dessas pelo grupo para dramatização e intervenções possíveis feitas por nós facilitadores da vivência.

A intervenção foi aplicada em uma sala na própria instituição. Os conteúdos foram posteriormente discutidos e refletidos entre nós pesquisadores. Foi tomado o devido cuidado para não mencionar nenhum participante, nem trazer transcrições de falas e conteúdos na íntegra na discussão desse estudo, por se tratar de um relato de experiência e não uma pesquisa com coleta de dados.

É relevante pontuar que na elaboração da intervenção nos conscientizamos das possibilidades de mobilização, assim assumimos o compromisso de estarmos atentos ao emergir de mobilização emocional e acolher sem necessariamente interromper a vivência.

Outro compromisso firmado foi o enfoque que seria tomado: apenas no contexto da escola. Decidimos evitar entrar em questões mais individuais e familiares, que poderiam trazer uma mobilização maior e não termos condições de lidar com possíveis desestabilizações. Estávamos cientes que poderiam até emergir questões familiares, mas a ideia era evitar que elas fossem trazidas ou estimuladas necessariamente por nós que estaríamos conduzindo a vivência.

4. Resultados e Discussões

Houve um certo atraso para iniciar a intervenção, pois tivemos pouca adesão dos alunos, esperávamos 20 alunos e só tivemos presentes 06 alunos, entretanto ocorreu a adesão espontânea de 04 servidores. Diante disso, como salientam Iunes e Conceição (2017) o diretor de um ato terapêutico deve buscar treinamento adequado e estar atento para a dinâmica grupal do momento do encontro, e ser capaz de se adaptar a qualquer intercorrência que possa haver. Iunes e Conceição (2017) também ressaltam que o ato psicodramático pode ser feito para um público pequeno de quatro a 10 pessoas ou grupos grandes entre 30 a mais de 100 pessoas.

É importante ressaltar que, devido ao contingenciamento nos recursos da educação executado pelo governo federal através do Decreto nº 9.741 conforme o Diário da União (2019), que levou a instituição a tomar medidas de racionamento

de custos, não obtivemos autorização para utilizar o auditório climatizado. Diante dessa realidade é importante ser feita uma observação crítica sobre isso, já que a atividade proposta necessitaria de um espaço amplo e minimamente confortável para que os alunos circulassem livremente durante a vivência em algumas etapas. Portanto, nos adaptamos a situação e fomos para uma sala de aula um pouco quente e tivemos que fazer a retirada das cadeiras da sala para deixar o espaço livre.

Obtivemos uma boa abertura nos aquecimentos, o puxa conversa- Papo teen foi muito útil para trabalhar esse se abrir pra perguntar algo a alguém e responder sobre sua vida para outros. Sem sombra de dúvidas, sem os aquecimentos não teríamos a potencialidade das dramatizações e do vir à tona dos conteúdos que vieram depois.

Durante a preparação para as dramatizações, as cartas de imagens abstratas do jogo Dixit-Odyssey foram disparadoras de muitos conteúdos e falas importantes externadas por cada um, e no compartilhar das histórias nos subgrupos que culminaram em dramatizações muito reais e significativas.

Na hora da formação dos subgrupos houve uma mudança no critério, onde os 6 alunos formassem dois grupos de 3 e os 4 servidores formassem um grupo. Compreendemos como um certo cuidado, mas percebemos que isso acabou afetando um pouco a vivência em alguns aspectos. De acordo com Ramalho (2010) os subgrupos e os protagonistas para as dramatizações são integrados, escolhidos ou apenas surgem de forma espontânea por similaridade e identificação télica, assim, quando direcionamos a formação desses subgrupos podemos estar impedindo de certa forma o emergir de mais espontaneidade e criatividade. Digamos que não foi um erro, mas a tentativa de ter certo controle, que no contato com o psicodrama sempre daremos de cara com algum elemento surpresa.

A primeira dramatização foi feita pelos servidores, que trouxeram uma questão um pouco mais tranquila, referente a uma incompreensão para com a servidora que exerce uma função muito específica na instituição. A percepção que tivemos, é que os servidores não quiseram se entregar demais dramatizando alguma situação muito desconfortável e isso podendo acabar os constrangendo diante dos alunos. Freitas e Vieira (2018) esclarecem que o foco do psicodrama na clínica ampliada seria a subjetividade imersa nas práticas institucionais, permeadas inclusive por tensões e pelas lutas das relações de poder, num campo sociocultural que produz determinados tipos de sujeitos.

Algumas possíveis reflexões que podem ser feitas diante desta intercorrência na vivência são as seguintes: até que ponto as relações de poder influenciam na abertura de se expor em um grupo? Por mais que nos outros momentos os servidores tenham se entregado mais, em algum momento será que eles viram a necessidade de colocar limites nessa exposição? São indagações para serem refletidas.

A segunda cena foi a mais intensa, cena de sala de aula, a personagem protagonizada por uma aluna tenta tirar dúvida com o professor, e um colega reclama e não compreende como ela não tinha entendido. Ao maximizar a incompreensão do colega, que chegou a ter posturas constrangedoras e humilhantes para com a colega, e a sensação de incompreendida da colega que chegou a evidenciar e verbalizar sua "incapacidade", nos fez perceber de quem era aquela história, justamente da protagonista que a encenava. O que nos levou a repetir a cena algumas vezes para intervir. Ao inverter os papéis, foi dada a possibilidade de ambos se colocarem um no lugar do outro, Nunes (2018) enfatiza que a inversão de papéis é usada para a resolução de conflitos. É olhar o outro a partir da representação do outro. Pois segundo Freitas e Vieira (2018) promove o respeito ao diferente de si, ao colocar-se no lugar do outro se permite ampliar perspectivas e refletir sobre diferentes posicionamentos existenciais.

Ao fazer uma entrevista no papel, houve a mobilização da protagonista, e ao propor a criatividade de dar outro desfecho para aquela história na realidade suplementar, ou seja, no "como se", as lágrimas não se contiveram, o outro aluno como ego auxiliar na cena ao invés de menosprezar a colega que não estava conseguindo entender o assunto, escolheu ter atitudes de compreensão, solidariedade, o que causou uma mobilização ainda maior da protagonista, e vimos emergir ali a catarse teorizada por Moreno, um momento de reflexão, resignificação e atualização sobre aquele mal estar. Freitas e Vieira (2018) destacam o "como se" psicodramático como potencializador do (re)aprender do desenvolvimento de novas técnicas de vida em uma realidade suplementar. Vimos como grupo, uma memória de uma situação negativa, de distanciamento, desqualificação do outro, incompreensão, através da dramatização e do emergir de espontaneidade, se transformar em uma possibilidade de proximidade, encontro, empatia e valorização do outro.

Os estudos de Tolo e Souza (2015) apontam, por exemplo, que o sociodrama temático, como procedimento de pesquisa, proporciona o dinamismo e o envolvimento dos participantes com a coconstrução de conhecimento, os quais possibilitaram uma investigação mais profunda dos padrões nos relacionamentos e nos conflitos, onde a conscientização de tais conteúdos acabam fazendo parte do processo de transformação.

A terceira e última cena trazia questões profundas, mas por conta da hora que já avançava não conseguimos aprofundar muito, mas apesar disso, obtivemos intervenções satisfatórias e bons desfechos. O terceiro grupo de alunos trouxe na cena uma situação corriqueira onde a professora entregava provas corrigidas, o protagonista recebia a prova e ficava muito desanimado com a sua nota e se isolava falando coisas negativas sobre si. A partir da entrevista no papel foi perguntado ao protagonista como ele estava se sentindo, foi então percebida uma postura de solidão e de desconforto que quando foi solicitado que ele maximizasse essa fala, e mesmo com algumas tentativas ainda existia um bloqueio significativo de se expressar.

Diante desse bloqueio nos veio uma ideia de promover uma adaptação do método de preparação de elenco elaborado por Toledo (2019) que poderia contribuir para aquele momento, se trata de um jogo teatral de confronto, usando duas palavras *sim* e *não*, o protagonista iria dizer a palavra: sim, enquanto que o outro participante iria responder com a palavra:

não, sucessivas vezes, um após o outro, cada vez mais intensa e convincente, em um dado momento a cena foi congelada e ambos participantes eram questionados porque sim e porque não e eles expressavam com mais clareza as justificativas, as conservas culturais que carregavam naquela situação, amplificando esses sentimentos de outra maneira através do solilóquio, ou seja amplificando o pensamento do momento e o verbalizando de ímpeto. Mesmo não sendo necessariamente de base psicodramática, o método criado por Toledo (2019) revela necessidades, dificuldades, potências e as peculiaridades de cada ator na busca da verdade em cena. Na inversão de papéis foi pedido para que o protagonista no papel de ego auxiliar dissesse algo que ele mesmo (o protagonista) estivesse precisando ouvir, como se dissesse para si mesmo, as expressões de apoio que foram ditas nos conscientizaram sobre limites, percebemos que não deveríamos ir além disso, por talvez se tratar de questões muito mais profundas do protagonista, que numa possível desestabilização sendo provocada naquele contexto, se configurasse uma situação que não teríamos um manejo eficaz.

Na finalização da vivência entramos no momento do compartilhar. Nery (2012) aponta que o momento de compartilhar é algo essencial para se criar o espírito grupal, como também para despertar gratidão e solidariedade entre os participantes, além de propiciar feedbacks construtivos entre todos. Na etapa do compartilhar todos os participantes demonstraram a satisfação em poderem ter participado da vivência e as palavras que mais se destacaram foram: empatia, equilíbrio e respeito. Para Nunes (2018) o Psicodrama é entendido como conjunto de técnicas que buscam transformação do indivíduo e da sociedade por meio da ação e do teatro. Promovendo a espontaneidade, criatividade e harmonia, tanto do indivíduo quanto do coletivo, desenvolvendo assim, a empatia tão necessária para a qualidade na saúde das relações interpessoais.

5. Considerações Finais

Primeiramente é importante destacar a amplitude do contexto escolar como campo de atuação do psicólogo, campo e prática que tem sido reconstruída a mais de três décadas, a partir de um olhar mais crítico, integralizado e coerente com a nova perspectiva mundial de saúde.

No Brasil avança-se na elaboração dessa prática da psicologia, ainda que não tenhamos leis que garantam a inserção do psicólogo como política pública consistente. Em contrapartida, os Institutos Federais em sua idealização já possuem em sua própria política a obrigatoriedade do profissional psicólogo como integrante de uma equipe multidisciplinar junto a outros profissionais.

As expectativas de ações do psicólogo nos IF's por seu próprio regime interno são coerentes com essa visão crítica da psicologia escolar que prioriza o olhar sobre o adoecimento não só no aluno, mas em todos os contextos que o cercam.

Desse modo o espaço em que o sujeito habita e pelo qual ele circula, nesse caso a escola, é o cenário em que seu script de vida será co-construído. Foi possível visualizar a partir da experiência prática da intervenção grupal, esse processo de co-construção ainda que em uma pequena dimensão.

O Psicodrama em sua origem já trazia uma concepção de clínica ampliada, pois as primeiras experimentações de Moreno no século XX aconteceram com movimentos sociais e pessoas marginalizadas – crianças, prostitutas e loucos – contribuindo para caminhos de criatividade coletiva.

A possibilidade de elaborar uma intervenção grupal e aplicar junto à psicóloga, numa parceria e sintonia muito flexível e integradora, foi algo bastante enriquecedor. O Psicodrama realmente atendeu as expectativas de uma clínica ampliada que tanto vê o sujeito, como todos os fatores e contextos que afetam a saúde desse sujeito.

Nas experiências de psicodrama e sociodrama de outros pesquisadores é possível perceber que os encontros temáticos se mostraram eficientes na investigação qualitativa sobre os movimentos do grupo, sua dinâmica, seus conflitos e relacionamentos. A partir dos estudos de alguns pesquisadores nota-se que os participantes mostraram grande entusiasmo com o processo de co-construção, levando à uma transformação.

O modo de operação do Ato psicodramático foi realmente muito eficaz, por se tratar de algo temático, pontual e que verdadeiramente pode propor mudanças e novos modos de ser no mundo.

É possível se pensar numa prática psicológica que intervenha de forma mais grupal através do Psicodrama, e pensar isso incluído de maneira a integrar políticas públicas, estimulando cada vez mais medidas sólidas de prevenção e promoção em saúde na escola, iniciativas muito relevantes e diríamos até que urgentes.

Um desafio a ser pensado para experiências posteriores é a participação de docentes e familiares em ações grupais de promoção de saúde, reflexão e fortalecimento das relações na escola. É perceptível a dificuldade, por diversos motivos, de adesão e até a viabilidade de ações para esses públicos no contexto escolar.

Conclui-se portanto que o psicodrama também pode contribuir de forma relevante para a continuidade dessa construção crítica da psicologia escolar, possibilitando o emergir e produzir de novos sentidos, potencializando oportunidades para o desenvolvimento de relações mais saudáveis no ambiente da escola e demais espaços interligados à instituição de ensino.

Referências

ALVES, Joana D'arc Moreira; VIEIRA, Érico Douglas. **Intervenções grupais em psicodrama: contribuições para a Escola de tempo integral**. Universidade Federal de Goiás, Vol. 1 – nº 14, 2013.

- AMARAL, Vera Lúcia do. **A Psicologia da adolescência**. Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Natal: Rio Grande do Norte, 2007.
- BERTOLLO-NARDI, Milena. **O trabalho do psicólogo em um campus do instituto federal do espírito santo: possibilidades e desafios de uma prática**. Universidade Federal do Espírito Santo. Vitória: ES, dez. 2014.
- BRASIL, **Decreto n. 9.741, de 29 de março de 2019**. Altera programação orçamentária e financeira. Diário Oficial da União, Brasília:DF. Disponível em: http://www.in.gov.br/materia/-/asset_publisher/Kujrw0TZC2Mb/content/id/69237336. Acesso em 29 de jul. 2019.
- CASTRO, Amanda; ALMEIDA, Viviane Oliveira de. **Contribuições do Psicodrama de Grupo para a Minimização de Conflitos Durante a Transição para a Vida Adulta**. Rev. Adol. Confl. n.15, p.70-75. Universidade Federal de Santa Catarina, 2016.
- COSTA, L. F., GUIMARÃES, F. L., PESSINA, L. M., & SUDBRACK, M. F. O. **Single session work: intervenção única com a família e adolescente em conflito com a lei**. *Journal of Human Growth and Development*. 2007.
- FERNANDES, Francisco Felipe Paiva. **Fracasso escolar: o papel do psicólogo e sua atuação na realidade escolar brasileira**. Universidade Federal de Campina Grande – PB, 2015.
- FREITAS, Ana Paula de; VIEIRA, Érico Douglas. **Tempo, espaço, realidade e cosmos: clínica ampliada e sofrimento psíquico** in Revista Brasileira de Psicodrama, v. 26, n. 1, Universidade Federal de Goiás (UFG) – Regional Jataí, 2018.
- GALÁPAGOS JOGOS. **Dixit–Odyssey**. Disponível em: <https://www.galapagosjogos.com.br/jogo-de-tabuleiro-dixit-odyssey/produto/DIX101>. Acesso em: 20 de jul. de 2019.
- GONÇALVES, Yadja do Nascimento; GOMES, Annatália Meneses de Amorim. **Sociodrama com adolescentes: revelações para o cuidar em saúde**. Revista Brasileira de Psicodrama. Universidade Estadual do Ceará (UECE), 2013.
- INSTITUTO FEDERAL DA BAHIA - Campus Paulo Afonso. **A história**. Disponível em: <http://portal.ifba.edu.br/paulo-afonso/institucional/a-historia>. Acesso em: 25 de mar de 2019.
- INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DA BAHIA. **Resolução nº 25, de 23 de maio de 2016 - diretrizes e normas da política de assistência estudantil do IFBA**. INSTITUTO FEDERAL DA BAHIA. **Regimento interno do campus de Paulo afonso – IFBA**. 2017.
- IUNES, Ana Luísa Silva; CONCEIÇÃO, Maria Inês Gandolfo. **Intervenção psicodramática em ato: Ampliando as possibilidades** in Revista Brasileira de Psicodrama, v. 25, n. 2, 2017.
- LESSA, Patrícia Vaz de; FACCI, Marilda Gonçalves Dias. **O psicólogo escolar e seu trabalho frente ao fracasso escolar numa perspectiva crítica**. Universidade Presbiteriana Mackenzie: São Paulo. jul. 2009.
- LIMA, Aline Ottoni Moura Nunes de. **Breve histórico da psicologia escolar no Brasil**. Curitiba: PR, v. 23, n. 42, jul. 2005.
- MORENO, Jacob Levy. **Psicodrama**. São Paulo: Cultrix. ed.1ª. 1975.
- NERY, Maria da Penha. Sociodrama. *In Intervenções grupais- o Psicodrama e seus métodos*. NERY, Maria da Penha; CONCEIÇÃO, Maria Inês Gandolfo. (Org.) São Paulo: Ágora. 2012. p. 95-123.
- NUNES, Camila Canani. **Psicodrama com crianças na vila santa Anita**. Universidade federal do Rio Grande do Sul, Porto alegre: RS, 2017.
- NUNES, Roseli Coutinho dos Santos. **A inversão de papéis como possibilidade de prevenção ao Bullying no contexto escolar – Estudo introdutório** in Revista Intellectus, nº 47, vol. 1, 2018
- PARREIRA, Gizele. **Martin Buber e o sentido da educação** Editora: ifg - Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás: Goiás. 2016.
- PAUL, K. E., & OMMEREN, M. **A primer on single session therapy and its potential application in humanitarian situations**. *Intervention*, p. 8-23. 2013.
- PETRONI, Ana Paula; SOUZA, Vera Lucia Trevisan de. **Psicologia Escolar: análise sobre dificuldades e superações no Brasil e Portugal**. Pontifícia Universidade Católica de Campinas – Campinas :SP – Brasil. vol.21, abril, 2017.
- RAMALHO, Cybele M. R.; **Psicodrama e dinâmica de grupo**. Aracaju – 2010.
- RODRIGUES, Rosane. **Quadros de Referência para Intervenções Grupais: Psico- Sociodramáticas**. DPSedes – Departamento de Psicodrama – Instituto Sedes Sapientiae, set. 2007.
- TADEU, Paulo. **Papo teen**. Disponível em: <https://matrixeditora.com.br/livro-caixinha/papo-teen/>. Acesso em: 15 de jul. de 2019.
- TOLEDO, Fátima. **O método FT**. Disponível em: <https://www.studiofatimatoledo.com.br/o-metodo>. Acesso em: 10 de jul. de 2019.
- TOLOI, M. D. C., & SOUZA, R. M. D. **Sociodrama temático: Um procedimento de Pesquisa** in Revista Brasileira de Psicodrama, p. 14-22, 2015.
- VIANA, Meire Nunes; FRANCISCHINI, Rosângela. **Psicologia escolar: que fazer é esse?** in CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. Brasília: DF, set. 2016.